

'SUJEITO NEOLIBERAL' COMO *FORMA DE VIDA: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DAILY VLOGGER*

Marcos da Veiga Kalil Filho

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Mancini

Doutorando

RESUMO: O conceito de Neoliberalismo abrange importantes formulações de diversas áreas do saber, tais como a Filosofia, a Economia Política e as Ciências Sociais. Mais do que um modelo econômico, sua conceituação abarca um determinado tipo de constituição de sujeitos, assim considerados neoliberais. Desde a crise financeira mundial de 2008, o tema ganhou renovado interesse, a partir da centralidade que assumiu na leitura das mazelas decorrentes do evento. O presente trabalho busca contribuir para esse amplo debate com o suporte do ferramentário da Semiótica. É possível entender o "sujeito neoliberal" (DARDOT e LAVAL, 2016) como um modo estável de enunciar? Para tanto, utiliza-se o *percurso gerativo da expressão* (PORTELA, 2008) e seus níveis de pertinência. Dessa maneira, os objetos, as práticas e as formas de vida passam a ser analisáveis, dentro do constructo metodológico da Semiótica, alargando os limites da imanência para além do texto-enunciado. O *corpus* compreende, neste momento primevo da pesquisa, o canal de *daily vlog* "Isabella e Felipe" do Youtube. Foram analisados 365 vídeos de 10 minutos de duração em média cada por meio dos quais o casal conta todos os dias a história de sua vida. Pôde-se observar as marcas de actorialização, temporalização e espacialização, além das isotopias, figuras e temas recorrentes, demarcando a interatividade, a participação e os efeitos de sentido de realidade e proximidade. Por fim, iniciou-se o desdobramento do texto-enunciado no objeto "Youtube" e nas práticas assumidas a partir dele. Os *daily vloggers* parecem representar um tipo muito específico de "sujeito neoliberal" à medida que dispõem de todo o seu tempo e dimensões de vida para o trabalho – este precarizado pelas novas relações produtivas contemporâneas –, agem como "empresa de si" (DARDOT e LAVAL, 2016) e se engajam em um funcionamento duplo que exige "desempenho" e "gozo" (DARDOT e LAVAL, 2016) em igual monta.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, Formas de vida, Neoliberalismo, Youtube, Daily Vlog.

A Semiótica discursiva possui o primado da imanência como um de seus fundamentos epistemológicos mais caros. O corolário de tal diretriz teórico-metodológica se encontra na disposição de os semioticistas utilizarem em suas análises o rigor das relações entre sujeito da enunciação e do enunciado, sem exceder ao extralinguístico (cf. FIORIN, 2007), naquilo que

Fiorin chamou de “anedotas” (2011, p. 16) da incorporação de condições de produção na vã pretensão de alcançar a historicidade do texto.

A imanência, assim, segue sendo o bastião do cientificismo, o crivo de qualidade e a pedra fundamental da trajetória epistemológica iniciada por Greimas e, atualmente, enveredada por uma gama de caminhos paralelos. Por muito tempo, distanciou-se das paixões por receio de psicologizações mais afeitas à Psicanálise e outras áreas do saber (cf. MELLO, 2005). Eventualmente, a teoria se arrojou e deu conta, com base nas modalizações, de apresentar uma sintaxe condizente com as manifestações patêmicas encontradas na enunciação e no enunciado.

O acesso às profundidades tensivas (cf. DISCINI, 2015) por sua vez, desvela a influência fenomenológica na Semiótica, instituindo o campo de presença, o corpo e a cifra tensiva, no comércio de valores entre a concessão e a implicação (cf. ZILBERBERG, 2011) para a constituição do sujeito. Por fim, as formas de vida (FONTANILLE, 2014) também alargam a noção de imanência, convocando à teoria níveis de pertinência até então marginalizados pelos recortes de semióticas-objeto passíveis de serem analisados em suas nuances, tais como as práticas e os objetos, além do próprio caldo cultural em que estão inseridos.

Cada passo dado no caminho epistemológico do projeto semiótico adiciona uma nova dimensão ao constructo usado pelos semioticistas para destrinchar a significação. Assim, foi possível a Floch (1990), por exemplo, criar uma gramática dos usuários de uma estação de metrô - o sonâmbulo, o *arpenteur* e o *flâneur* -, redefinindo um labor muitas vezes exegésico de tratar o texto verbal e o plano do conteúdo como os meios seguros de se observar as semióticas-objeto.

Nesse esteio, o presente trabalho se lança na tarefa de acomodar uma formulação eminentemente política - que diz respeito ao conceito trazido pela sociologia, ciência política, filosofia e, sobretudo, a partir da vivência ideológica dos corpos - de neoliberalismo aos mais recentes desdobramentos da teoria semiótica. Afinal, quais as contribuições que uma análise semiótica poderia oferecer ao grande debate público acerca da conformação de corpos produzida pelo que Foucault (2006) chamava de governamentalidade?

Cumpramos expor sinteticamente o que queremos dizer com “sujeito neoliberal”. Para tal, apresenta-se a formulação da ciência política, sociologia e filosofia engendrada por Dardot e Laval (2016). A etapa mais recente da história do capitalismo constituiria um “sujeito do envolvimento total de si”. Todas as esferas da vida do indivíduo estão direcionadas a uma lógica de custo e benefício, a um cálculo de custos, eficácia, disciplina pessoal e investimentos,

comumente associada à figura da empresa. Como posto por Zizek (2013), o capitalista ideal sempre foi alguém pronto a apostar sua vida, arriscar tudo para produzir crescimento, aumento de arrecadação, circulação de capital. Sua felicidade pessoal esteve totalmente subordinada a isso, o que Walter Benjamin (2013) coloca ao dizer que o capitalismo é uma religião. A novidade neoliberal, então, circunscreve os desenvolvimentos históricos, que deixam para trás as últimas amarras da Modernidade - a família, a religião, o Estado, as relações sociais e de afeto mais próximas, a estética -, e estabelecem os valores empresariais em todas as dimensões da vida do sujeito.

E isso se dá - de que forma? - porque o sujeito quer ser uma empresa, porque a empresa torna-se o lugar de todas as inovações, da mudança permanente, da busca de excelência, da 'falha zero' - torna-se a figura eufórica da sociedade. A racionalidade empresarial une todas as relações de poder na trama de um mesmo discurso como um 'regime de existência'. O sujeito deve ser a "empresa de si mesmo", o "gestor de si mesmo". Um arrojo da governamentalidade de Foucault em que o controle disciplinar passa das instituições sobre os indivíduos para os indivíduos sobre eles mesmos.

Mas como é possível alguém viver sob um regime de excelência e eficácia tão estritos? Os autores, então, propõem a última faceta do sujeito neoliberal: o dispositivo desempenhogozo. Para mantê-lo em alta produtividade, somente com a suposta sensação de prazer indefinido. Constrói-se uma sociedade de múltiplas experiências sensoriais, do estímulo sensível constante, da solicitação passional-sensorial perene. Trata-se do imaginário em que desempenho e gozo são indissociáveis. Exige-se do novo sujeito que produza 'sempre mais' e goze 'sempre mais'. "Esse é o duplo sentido de um discurso gerencial que faz do bom desempenho um dever e de um discurso publicitário que faz do gozo um imperativo" (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 356). É a superação indefinida de si ou a ultrassubjetivação.

O sujeito neoliberal está, assim, como um *curso de vida*, estipulado dentro e fora de todos os sujeitos. Exige certa *perseverança*, como coloca Fontanille (2015), pois há sempre uma *contraperseverança* de outras formas de vida. Espraia-se por diversas práticas e objetos, uns mais ao centro, outros mais na periferia da semiosfera capitalista. Fontanille (2015) propõe a máxima de que o engajamento em uma prática dominante objetiva a persistência de um curso de vida, delineando um sistema de semiótica existencial ou, em medida similar, da semiótica das culturas. Esse movimento de engajar-se depende de um regime de crença, adstrito ao domínio da moral e da ética, no qual estratégias de persuasão compelem um sujeito a crer em um determinado sistema de valores. Ao final, este sujeito se engaja moralmente para seguir um

curso de vida, constituindo as formas de vida, a última fronteira de imanência semiótica. Estas seriam, assim, o conjunto de atos semióticos pertencentes a uma estrutura social.

Para compreender as *formas de vida*, deve-se vislumbrar a noção de *semiosfera* proposta por Lotman (1999) e superposta àquele conceito em uma hierarquia por Fontanille, como um espaço semiótico de comunicação em que uma força centrípeta regula e mobiliza estratégias da periferia - inovadoras ou decadentes - em direção ao centro - onde estão os elementos que melhor traduzem quaisquer outras linguagens. Os contrários harmonia-confronto e identidade-alteridade exprimem o funcionamento desse campo, o espaço do exercício da vida e das práticas humanas e sociais por intermédio da linguagem. As *formas de vida* seriam, então, a disposição mais coerente das linguagens e das práticas humanas sociais - logo, localizadas no centro da *semiosfera*.

As formas de vida são constituintes da semiosfera como “semióticas-objeto” devidamente constituídas com um plano da expressão e um plano do conteúdo. As formas de vida são o último nível de integração de todas as outras semioses e semióticas-objeto; elas incorporam, sem reduzi-los, sinais, textos, objetos, práticas e estratégias; elas carregam os valores e os princípios norteadores que organizam todos os outros planos de imanência; elas se manifestam por atitudes e expressões simbólicas, influenciam nossos sentimentos, nossas posições de enunciação e nossa escolha axiológica. Elas são, de fato, os constituintes imediatos da semiosfera porque elas representam, dentro de uma determinada sociedade, diferentes formas de se identificar com o “si mesmo” e, portanto, de experimentar valores. (FONTANILLE, 2016, p. 2)

Isto posto, cumpre situar os diferentes níveis de pertinência com seus respectivos *regimes de crença* na estratificação proposta pelo *percurso gerativo da imanência* e o princípio de integração. Signos, Textos, Objetos, Práticas, Estratégias e Formas de Vida denotam a emergência da experiência sensível e da memória no ferramentário metodológico da Semiótica discursiva. Cada um desses níveis integra-se aos demais em movimentos ascendentes, por vezes desmaterializadores, e descendentes, não raro redutores (cf. PORTELA, 2008). Ao final, a imanência, que um dia esteve adstrita ao texto do qual não se podia abrir mão sob risco da perdição, abraçou os domínios do sensível, do social, do corpo e da memória para não tornar-se obsoleta.

É importante, então, pensar no que representa para a Semiótica e seus pesquisadores poder descrever e problematizar comportamentos sociais, reiterações cotidianas de ideologias correntes, rotinas, enquadrando-as como linguagens e textos, a partir de seu método. Devemos pensar também em *como* fazer isso. Será incorporando metodologias de outras áreas do conhecimento, como a observação participante, a própria observação, como realizado por

Nunes, Portela e Silva (2010), no trabalho sobre a semiótica do cuidado nas práticas de enfermagem?

Fontanille (2016) enfrenta a questão do papel da pesquisa em Semiótica e da pesquisa das ciências humanas e sociais, em sentido mais amplo, ao situar as expectativas sociais atuais sobre os pesquisadores e o produto de seu trabalho. Nesse sentido, o autor reconhece a nossa “capacidade de transformar a médio e longo prazos a nossa relação com nós mesmos, com a sociedade, com a vida e com a natureza” (2016, p. 1). Faz-se imperioso, assim, que enxerguemos esse potencial em nossos trabalhos.

Consequentemente, o nível de pertinência mais adequado da análise semiótica acaba por ultrapassar o nível de análise dos objetos mais corriqueiros e dos métodos mais utilizados: textos e imagens, em particular. Esse nível ideal será, no mínimo, o das práticas e interações sociais e, se possível, o nível das formas de vida e dos modos sociais de existência, isto é, em suma, aqueles da existência e da experiência humana em geral. Tais níveis incluem naturalmente objetos que pertencem a todos os outros níveis: textos, sinais, objetos, materiais, meios de comunicação, produções culturais em geral. Todo o aparato teórico e metodológico da semiótica deve ser, portanto, mobilizado. (FONTANILLE, 2016, p. 2)

Se a forma de vida compreende um plano de expressão caracterizado como um arranjo sintagmático que garante a continuidade de uma trajetória, de um persistir, e um plano de conteúdo definido pela congruência das escolhas figurativas, modais, narrativas e passionais, como viabilizar um modelo que explicita o curso de existência e as reiterações das seleções cotidianas dos sujeitos submetidos à linguagem da forma de vida neoliberal que nós, hoje, aqui, sabemos bem que existem e poderíamos brincar de identificá-las dentro de um senso comum. Como *qualificar essa existência*, como coloca Fontanille (2016, p. 3), no sentido de que essa linguagem define a compreensão, a adesão, a percepção e a confiança dos valores inseridos na vida social e coletiva.

Como compor um *corpus* representativo dessa forma de vida? Recorre-se à noção de “estilo” de Discini (2015):

Examinar a pessoa como enunciação discursivizada e esta como estilo, enquanto se procura trazer à luz o processo de construção de um corpo no conjunto de enunciados de onde ele emerge, supõe uma prática analítica que busca apreender cada enunciado a partir de um conjunto, que é numérico (relativo a um, dois, três ou mais textos) e integral (regido por um princípio concernente a um todo subjacente). Cada enunciado é visto como parte de um todo, este constituinte de cada parte, como princípio organizador. (DISCINI, 2015, p. 17)

Ao tratar da forma de vida do sujeito neoliberal, o *corpus* se faz a partir de objetos, práticas e cenas, quando não pessoas ou corpos, como coloca Discini, que são a enunciação

discursivizada. Sua existência será representativa por ser parte do todo. O motorista do Uber é parte da forma de vida neoliberal. O neoliberalismo é o princípio organizador, o todo subjacente, uma forma de vida.

A pesquisa parte da percepção de que as mídias são imprescindíveis para constituição de sujeitos (e formas de vida) na contemporaneidade. As existências passam a depender cada vez mais das redes sociais, internet etc. Não à toa, então, recorre-se a uma prática curiosa de pessoas que largam tudo de suas vidas e passam a publicar vídeos todos os dias sobre seu cotidiano e misturam trabalho e vida pessoal em um novo nível, a partir de uma mídia de alta penetração.

Como veremos adiante, na triagem dos canais a serem pesquisados, sequer se optou, em um primeiro momento, pelo critério da popularidade. Ao observar o TOP 10 canais de Youtube em termos de audiência, constatou-se que: i) nenhum deles é puramente um *daily vlog*, ainda que alguns deles fizessem *vlog*; ii) a maioria são canais de humor, como o “Porta dos Fundos”, os youtubers “Whinderson” e “Kefera”. A opção pela qualidade - a escolha do melhor *daily vlog*, de acordo com uma premiação - coaduna com uma característica das formas de vida que se projeta no funcionamento social das mídias. A pulverização é um elemento importante da forma de vida tanto quanto é das redes sociais, do Youtube e da internet hodiernamente. Uma forma de vida comporta inúmeras práticas concorrentes que convivem e encontram o mínimo comum nas *zonas críticas*, como coloca Floch, formando as estratégias. Faz-se impossível descrever todas as práticas. Por isso, reforça-se o mote de estudar parte do todo para, ao final, promover a volta ao todo.

Direciona-se o olhar analítico para uma delas que vai funcionar como elemento de constituição do corpus de análise da proposta e, assim, começar a estabelecer os parâmetros de análise do modo de enunciar estável do sujeito neoliberal. Em um segundo momento da pesquisa, no futuro, o trabalho abarcará aleatoriamente qualquer outra das práticas e, desse modo, enxergar as práticas sensoriais, encaminhamentos ideológicos dessa forma de vida. Por fim, dada a fragilidade de se utilizar métodos como a observação participante no âmbito da pesquisa semiótica, os *daily vlogs* parecem oferecer uma fina oportunidade de se observar o nível de pertinência das formas de vida, patentemente abstratas, fundado em um texto-enunciado mais canônico, dentro de uma visão mais ortodoxa da metodologia da área.

Vlog é a abreviação de videoblog que, por sua vez, deriva de blog, que é a contração dos termos em inglês “web” e “log”, ou seja, um “diário da rede”. Os blogs são sítios eletrônicos em que as publicações escritas são organizadas de forma cronológica inversa (do mais recente

ao mais antigo), similar a um diário. O *vlog*, assim, é um blog em formato de vídeo. O *daily vlogger* é alguém que posta vídeos sobre a sua vida todos os dias. Esta pessoa cria, em geral, um canal no Youtube, onde publica esse conteúdo.

A escolha dos *daily vloggers* decorre de duas ideias que perpassam essa ocupação: i) a ideia de que se deve buscar trabalhar com o que se gosta e, assim, nem se sentirá trabalhando; ii) a noção de que os *vloggers* abandonaram suas carreiras tradicionais para se dedicar totalmente a essa “produção de conteúdo”, jargão amplamente utilizado no meio, e que, no fundo, sequer estão trabalhando, em um sentido mais tradicional.

Os *daily vloggers*, ainda que neguem as relações tradicionais de trabalho e a exigência de produtividade associados ao sujeito neoliberal, estão, em verdade, *perseverando* na referida forma de vida ao ceder todas as esferas de sua existência para o seu trabalho, para a atividade que dá centralidade e subsistência a essas pessoas, tal como o “sujeito do envolvimento total de si”. Todas as amizades, as tarefas, os lazeres ganham uma finalidade, obedecendo ao cálculo de custos e benefícios, investimentos e oportunidades da “empresa de si mesmo”. Afinal, tudo e todos vão estar nos vídeos produzidos. Ademais, vão conjugar muito claramente a ideia de desempenho - o imperioso comando de postar vídeos de qualidade todo o dia -, associada à missão do gozo constante - a produção e a exposição de um estilo de vida excitante, envolvente, que satisfaça, ao mesmo tempo, aos próprios *vloggers* em sua vida e aos espectadores. Ignoram, muitas vezes, que estão trabalhando, primeiramente, para o Google, ao publicar e monetizar seus vídeos em sua plataforma. Sob outra visada, trabalhando de forma autônoma. Em ambos os sentidos, há a precarização do vínculo empregatício com a diminuição de direitos. Discursivamente, constrói-se a ideia de liberdade e autonomia; politicamente, a precariedade.

Os *daily vloggers* pertencem à classe de comunicadores dos *youtubers*, produtores de vídeos da plataforma Youtube, do Google. A relevância desse tipo de entretenimento cresce a cada ano. Pesquisa realizada entre pessoas de 14 a 34 anos pelo Instituto Provokers, encomendada pelo Google, colocou cinco *youtubers* entre as dez personalidades que mais influenciam o país. O primeiro colocado é o youtuber Whindersson Nunes, cujo canal possui 23 milhões de inscritos. Seus vídeos chegam a ter 30 milhões de visualizações cada, audiência maior do que algumas emissoras de TV aberta no país. Grandes portais de Comunicação Social e institutos medidores de audiência trazem, ao menos desde 2015, algum indicador relativo a esse veículo.

A presente pesquisa envida esforços sobre o canal Isabella e Felipe, anteriormente conhecido como Fotografando à Mesa, vencedor do prêmio “Melhor Vlog” no Rio WebFest

2016, 65 mil inscritos, com o objetivo de analisar vídeos que seriam, por excelência, representativos do gênero *daily vlog*, ou seja, pessoas que deixaram para trás faculdade, empregos e outros símbolos de uma vida dentro dos padrões com traços da Modernidade para fazer diariamente vídeos de suas vidas. O escopo do trabalho comporta 365 vídeos com duração média de aproximadamente 10 minutos cada.

Vale destacar que a análise semiótica de um canal de Youtube deve levar em conta também a caixa de comentários, os “encontrinhos” rotineiramente realizados para reunir o público do canal com os *vloggers*, a possibilidade de clicar em cards que aparecem sobre o vídeo e são indicados pelos interlocutores para ver episódios anteriores relacionados, a prática de ver os vídeos pelo computador, em simultaneidade a outras tarefas, ou, não, em uma Smart TV ou mesmo no próprio PC, mas de forma focada, entre outras práticas e objetos que orbitam em torno do texto Youtube.

Os *youtubers* e os *daily vloggers*, em especial, gozam de um lugar especial entre os diversos meios de comunicação voltados ao entretenimento. Diz-se que conseguem criar um efeito de sentido de proximidade e de realidade ainda maiores que a TV e o cinema, por exemplo. Talvez por isso estejam recebendo cada vez mais um aporte de verbas publicitárias. A persuasão necessária para se convencer a comprar um produto passou a utilizar o simulacro que dá a impressão ao espectador de que ele é próximo e que aquilo é real, o que coaduna com a veridicção e o *fazer crer*, preciosos à teoria semiótica.

O mapeamento das figuras, temas e isotopias é o primeiro passo da pesquisa. Alguns enquadramentos, como o em primeira pessoa, parecem privilegiar um certo sincretismo do espectador com o interlocutor do vídeo. Não se está apenas acompanhando a vida daquelas pessoas, mas vivendo a vida daquelas pessoas. Novamente, proximidade e realidade. Outros enquadramentos, como o timelapse do ambiente e os closes de objetos e ações, reforçam algo recorrente em *youtubers* que é a exposição e a ostentação de um estilo de vida: programas de lazer, compras, objetos decorativos, comidas, restaurantes etc. Por fim, o enquadramento do modo retrato em que o casal simula uma conversa com o público corrobora o efeito de sentido de proximidade e, mais ainda, a noção de participação. O que também tem a ver com o enquadramento em primeira pessoa: você não só está vendo, está participando.

Em termos de isotopias, temas e figuras, há uma metalinguagem, a autorreferência ao próprio fazer do vídeo, a necessidade e a rotina de se fazer o vídeo. Câmeras, enfoques etc. O cotidiano, por óbvio, é um tema onipresente. Família, comida, amigos, lugares. Curiosamente, há muitos monólogos de autoajuda, mencionando os sofrimentos, as dificuldades de se

enfrentar a vida, de se motivar, de fazer melhor e diferente, as polêmicas políticas ou do senso comum que surgem. Nesse sentido, parece haver quase que um reconhecimento tácito da necessidade e da dificuldade de se motivar constantemente - de se fazer interessante. Uma referência direta ao dispositivo desempenho-gozo. Em paralelo, há também uma isotopia da narrativa. Em alguns momentos, a dupla menciona o desafio de criar narrativas a partir do que é filmado e chamam os amigos que aparecem e desaparecem a cada episódio de “elenco B”.

Em termos de edição, há cortes rápidos, cortes no meio da fala para agilizar. O que eles falam: detalham o que estão fazendo ou o que vão fazer; falam dos motivos que os levaram a tomar certas decisões. Como eles não podem mostrar efetivamente tudo o que fazem, contam muito para a câmera, num tom de conversa de amigos. Não é que mostre todas as conversas e programas, mas há imagens demarcando quase tudo o que foi feito, como a chegada e a despedida de lugares e pessoas, o caminho, a edição do vlog que vai ser publicado. Há uma ideia de *accomplishment*, de conquista - o que se fez durante o dia, o que se alcançou - reforçando a noção de que se está fazendo algo, bastante coisa, produtividade, o que é um corolário do *dispositivo desempenho-gozo*.

Os vídeos começam com a demarcação do dia e da hora em que a narrativa começa, “Hoje é dia 13 de maio, são uma e meia da tarde e eu e o Gabriel estamos indo lá no Edifício Matarazzo para finalmente conhecer o jardim da Prefeitura.”, disse Isabella na abertura de um dos daily vlogs. Todo vídeo termina com um “Tchau e até amanhã.” O texto-enunciado é o vídeo, o objeto é o Youtube, que permite uma série de práticas: a do enunciatário do vídeo, e a do enunciatário Google, a do enunciatário que interage na plataforma. O objetivo de curto prazo é identificar os elementos estratégicos mínimos que apontam para a forma de vida neoliberal.

Neste momento da pesquisa, parte-se da imanência textual para começar a sistematizar e a categorizar isotopias, figuras, temas, programas narrativos e os valores subjacentes. O desafio fica por conta da possibilidade de se chegar às práticas e à forma de vida neoliberal, a partir dessa semiótica-objeto. Ou melhor, da validade de possíveis e futuras aferições com base na análise semiótica do texto e do objeto em voga. De forma geral, há uma *perseverança* na direção da estabilização das linguagens e práticas humanas sociais por parte dos *daily vloggers* que, ainda que neguem os meandros tradicionais de trabalho e socialização, acabam indo no caminho inverso do que pregam: dispõem de todo o seu tempo e todas as dimensões de sua vida para seu objeto de trabalho. Situam-se, assim, no centro da semiosfera neoliberal, tornando-se, inclusive, alvo de desejo de muitas pessoas que aderem a esse estilo de vida pelos valores eufóricos que eles apresentam, alguns deles os empresariais postos aqui.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DISCINI, N. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, J. Quando a vida ganha forma. In: *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, 2014.
- _____. *Formes de vie*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015.
- FIORIN, J. Enunciação e semiótica. In: *Letras*. Santa Maria, n. 33, p. 69-97, 2007.
- _____. Semiótica e História. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Niterói, n. 42, p. 15-34, 2011.
- FLOCH, J. *Semiotique, Marketing et Communication: Sous les signes, les stratégies*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990. p. 19-27.
- FOUCAULT, Michel. A “Governamentalidade”. In: _____. *Estratégia, poder-saber: ditos e escritos*, vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 281-305.
- LOTMAN, Iuri. *La sémiosphère*. Trad. Anka Ledenko. Limoges: Pulim. 1999.
- MELLO, L. C. M. Sobre a Semiótica das Paixões. In: *Signum*. Londrina, n. 8, p. 47-64, 2005.
- PORTELA, J. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, M.; PORTELA, J. (orgs.) *Semiótica e mídia*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2011.
- ZIZEK, S. Slavoj Žižek - "Capitalismo é uma religião". Youtube, 31 ago. 2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=a_RjYc0Wfl4&t=53s. Acesso em: 20 out. 17.